

H. J. 12551

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 132

Cl. 12

A personalidade do príncipe imperial

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918

A personalidade do príncipe imperial

Pouca gente ha na Europa que não reconheça agora o facto que o Imperador da Alemanha premeditou a guerra durante a maior parte, se não todo o periodo, do seu reinado. As sucessivas revelações ha um ano para cá foram coroadas pelas indiscrições dos amigos do príncipe Lichnowsky. O Kaiser e o seu povo iniciaram a guerra com o fito pensado e ha muito ambicionado de alargar o territorio da Alemanha. Ha porém o perigo de haver quem considere o Imperador como o unico obstaculo á paz europeia. Está velho, diz-se, e a terrivel responsabilidade da guerra está produzindo o seu efeito; pode-se portanto olhar com alguma confiança o futuro da Alemanha.

Aqucle que é verdadeiramente amigo da paz e que estudar com seriedade os factos irrefutaveis da carreira do príncipe imperial, não poderá deixar de reconhecer que essa esperança é illusoria. O Imperador não teve popularidade durante o seu reinado até que rompeu a paz da Europa em 1914. Teve um clarão fugitivo de popularidade em 1896 quando expediu, em desafio á Inglaterra, o seu telegrama historico ao

Presidente Kruger; porém o entusiasmo converteu-se rapidamente em ardente ressentimento quando ele recusou auxiliar os boers. Teve outra ovação publica em 1905 quando em Marrocos usou duma linguagem provocadora; porém de novo se retraiu e foi alvo duma tempestade de reprovação. Repetiu-se esta comedia em 1911 quando mandou o *Panther* a Africa. A este tempo já tinha encontrado expressão o profundo descontentamento do povo na biografia do Imperador por Paul Liman, editor Bismarckiano da *Leipzige Neueste Nachrichten*, obra intensamente critica e independente. Liman era apóstolo ardente da guerra e da expansão; a sua hostilidade contra o Imperador baseava-se principalmente na suposição que o Imperador era amigo da paz. Porém Liman escreveu tambem a vida do principe herdeiro e os louvores sem peso nem medida que dirige a esse joven mediocre, provam assaz o que dele esperavam os agressivos pregadores da guerra em Alemanha.

Durante os cinco anos que precederam a guerra o principe tinha dado a conhecer o seu character violentissimo e tipicamente prussiano. Excluido da politica pelo pai, como ele proprio se queixou aos seus amigos na America, tem-se limitado a ser militar. Não havia entre os jovens officiaes Junkers, cavaleiro mais destemido nem caçador mais ardente. Traíam as suas ambições os numerosos bustos e reproduções de Napoleão que enchiam os seus aposentos. O seu casamento em 1905 trouxe-lhe uma

grande fortuna e ele começou desde logo a mostrar-se independente do pai. Este foi o preço que o Imperador teve de dar para encobrir durante um quarto de século os seus verdadeiros projectos napoleonicos. O proprio filho ignorava que o Imperador era o principal inspirador do chauvinismo que aparecia na Alemanha. Era porém de tal importancia esconder á Europa a verdade que o Imperador levou a comedia ao ponto de exilar o filho para Dantzig.

O principe procurou então por meio dum chauvinismo descarado ganhar a popularidade que o pai não lograva alcançar. Num discurso dirigido ás tropas em Koenigsberg apostrofou o pai em termos que toda a Alemanha compreendeu. «Mostrai-nos o caminho que o nosso povo alemão deve seguir para poder apossar-se do lugar que de justiça lhe pertence entre as nações em atenção á sua força intelectual e fisica.» Visto ser a Alemanha nessa época uma das nações que mais prosperavam e progrediam, era facil compreender a significação do apelo. Tomava como seu o programa pan-germanico. O Imperador guardou silencio. Em 1911 incorreu novamente uma tempestade de critica adversa devido á sua «rendição» em Marrocos. No meio da tempestade, quando os pan-germanistas citavam Iena e Olmuetz e falavam duma «vergonha eterna», o principe ouviu e aplaudiu do camarote real do Reichstag o ataque ao seu pai. Dois anos depois escreveu o pródromo dum livro militarista intitulado *Deutschland in Waffen*, em que advogava abertamente toda a filo-



sofia de Treitschke. O ideal da pacificação da Europa não passava de «sonho fantastico»; era contrario á indole alemã. A Alemanha tinha-se desmoralisado com o longo periodo de paz; deviam alegrar-se com a chamada para a guerra. O espirito militar da Alemanha não se devia deixar «enfraquecer com a palidez da reflexão; pode o mundo encher-se de demonios armados contra nós, encontrar-nos-hão prontos». Uns mezes mais tarde mandava um telegrama de estimulo aos militaristas brutais de Zabern.

Ninguem na Alemanha ignora quais são os ideais do principe herdeiro. Verdade é que a unica desculpa oferecida pelos humanitarios a favor do Imperador é que ele, como alias toda a nação, tinha sido arrastado para a guerra pelo principe. Seja como fôr, convem não alimentar illusões emquanto ao herdeiro do trono da Alemanha. Nele atingiu o auge a veia romantica e napoleonica da raça dos Hohenzollerns. Se os Aliados da Entente permitirem que ele herde dum imperio engrandecido pela conquista, o resultado matematico será que a guerra tem de recommear.